





Xilogravura de MARGINET

# IRMÃ GALÍCIA

Nossa irmã gémea, doce e terna irmã,  
amiga do coração,  
acólho-me aos teus braços fraternais  
como parente, como teu irmão...  
O teu solar modesto, claro e calmo  
é a mais fácil guarida  
para quem busca, longe da própria casa,  
algum socêgo para a sua vida...  
Nele me esqueço e esqueço aqueles males  
que atormentam a gente,  
que sem dó nos perseguem,  
que nos perseguem desabridamente...

Pobre irmã nossa, em tudo és como nós:  
Na tristeza sem par,  
lírica e doce,  
tecida em noites altas de luar...  
Na dura disposição para o trabalho  
de cada dia  
que é o firme companheiro da tristeza  
e muito poucas vezes da alegria...  
No saudosismo vago, permanente,  
de tudo o que passou  
e que não volta mais à nossa vida  
porque a vida o levou...  
E sobretudo e sempre na pobreza  
humilde e resignada  
que nos traz sempre as almas em fadiga  
e cara fatigada...

Nossa irmã gêmea, doce e terna irmã,  
amiga do coração,  
acolho-me aos teus braços fraternais,  
como parente, como teu irmão...

OLIVEIRA GUERRA

Para o livro a publicar  
«MARUXA»



**GALIZA**

**GALIZA**

**GALIZA**

**GALIZA**

**GALIZA**

**GALIZA**



Xilogravura de Marginet

## Ó GALIZA E PORTUGAL, VIVEIRO DE TROYADORES

Deitadas na mesma areia,  
Ó conchas do litoral,  
Com o mesmo corpo de sal  
Que nasceu da maré cheia,  
Tecidas na mesma teia  
De espuma branca de cal,  
Rosas do mesmo rosal  
E mel da mesma colmeia,  
Ó filhos que o mar pranteia,  
*Ó Galiza e Portugal!*

Entre vós dois cristaliza  
Um rio manso, e plural,  
Frescura de madrigal  
Que a terra una improvisa.  
Na margem norte, é Galiza,  
Na margem sul, Portugal.  
A água é prova, é sinal  
Que a mesma fonte os baptiza.  
O boca ardente, e concisa,  
*Ó Galiza e Portugal!*

No mesmo verde natal,  
Duas frautas, dois pastores,  
Duas abelhas, e flores  
Do mesmo chão musical.  
Janelas dum só casal,  
Telhado com dois pendores.  
Que bem vos ficam as cores  
Da vossa rima final:  
*Ó Galiza e Portugal,  
Viveiro de trovadores!*

ANTÓNIO NORTON

## **GALIZA TEN UN ARCANXO**

Ai, que levians sombras vesperaes andan  
boligantes. tornadizas. nos boscos engaioladas  
agromando nos camiños gotiñas doces, alfayas  
e froles, entre a arelante espeseza da arborada.

Aí, os anxos i-os arcanxos que na noitebra naufraxan,  
percurando bois de luz, e capiteles, naos, ancras,  
illan de coral, ronseles, melurentas fondas abras,  
afitando lonxanías, luas en crecente, espadas  
de montes, ceos segredos, lagoas enfeitizadas.

Ai, o arcanxo que na boca da noite agarda,  
na boca da noite longa e madurada,  
no abismo da mar, fronte das cibdades enloitadas,  
no arume do tempo que nos leva e pasa.

Nas covas da noite cans vixían e ladran,  
tresvariando no torbo laberinto das estradas.

Non hai misterios nin hai que chore nin lembre nada,  
nas vieras do tremoedo, nos corutos da montana,  
nos xardíns que enebra a choiva emergullada  
duns ceos grisentos de nubens embruzadas.

Ai, que o arcanxo da noite xa marmula e pasa  
enfileirando as auroras desdibuxadas,  
rómpendo pel-os outeiros o encaxe ledado das azas,  
namorando, namoreiro pol-as verdiñas varandas  
surdidas e axexantes das mazairas.



Ai, que mariñeiro sin remo e sin barca  
o quixer levar pol-a mar salada.  
Pol-a mar que brúa nas náguas das praias,  
pl-o celta vieiro das outas, nevadas gándaras,  
pol-o abril das follas nun mundo d-espranza.

Galiza ten un arcanxo que nos cómaros pervaga,  
i-engaiólase na pedra das torres, pol-as mazairas,  
nos dolmes e nos cantizos. na albariña frol se engada,  
espállase pol-os valos, no toxo enxebre s-abala,  
canta leñas de berce e toca armónecas gaitas,  
e aluáse nos xardíns e arrólase en canles d-auga,  
e rube entre dous loceiros, e asopla as outas fogatas  
do San Xoan, bule no vento, nas leñas lendas salnia.

Leva un fol pequeno i-unha leda gaita namorada,  
i-un nome nos beizos prendido con bicos, mollado con bágoas,  
i-un sol que nos ollos lle luce e le salta,  
i-un romance tolo de sonos i-amores, i-unha longa caixa  
de músecas celmes, de chagas e doores, de cantigas máxicas.

**PURA VÁZQUEZ**



Xilogravura de Margitner

# CREAÇÃO DO MAR

Alma de artista, creador, o Mar  
um dia, inspirado,  
entrou de modelar com sábio geito  
o barro duro e quente e atrigueirado  
talvez posto por Deus à sua frente  
para ser modelado;  
e ora com firmeza rude e brava,  
ora com branda ternura,  
o Mar foi modelando  
a sua nova escultura...  
A pouco e pouco então,  
o barro duro e quente e atrigueirado,  
foi-se doirando de beleza e graça  
e foi tomando a forma fascinante  
que uma só vez na vida se realisa:  
E um dia, um dia, enfim,  
tu surgiste, Galiza...

Mulher e feiticeira  
de olhos compridos, carnes matinais,  
tu és, terra de Alem,  
a tentação das almas siderais,  
daquelas almas que andam pelo mundo  
de olhar perdido, vago, proeurando  
a Pátria feminina do seu sonho  
e com ela sonhando...  
Mulher e feiticeira de alma céltica,  
dada a mistérios e encantos  
das mais longínquas eras e depois  
rendida cristãmente à voz dos santos,  
tu és a terra bendita  
de que a minh'alma, tua irmã, precisa,  
tu és, terra de sonho,  
Pátria da minha Pátria, a Galiza...

Porto, Abril, 60

OLIVEIRA GUERRA

(Para o livro a publicar «MARUXA»)



**GALIZA**

**GALIZA**

**GALIZA**

**GALIZA**

**GALIZA**

**GALIZA**



# GALIZA

A D. JOSÉ DIAZ CASTROVERDE

Senhora e Camponesa,  
eu beijo a tua mão fidalga e pobre...  
A fidalguia tem-l'a no espírito  
e a pobreza no traje que te cobre...

Senhora e Camponesa,  
cavando a terra de dia  
e à noite dizendo versos  
da triste Rosalía...

Senhora e Camponesa,  
nos campos dia a dia mourejando  
e nas orlas das rias penumbrosas  
à tardinha sonhando...

Senhora e Camponesa,  
ganhando um pão mal pago  
e à luz da lua branca vagueando  
nas ruas de S. Tiago...

Senhora, Senhora minha,  
rende-me a ti,  
que outra mais bela e nobre e humilde e casta  
eu nunca vi...

Eu sou o enamorado cavaleiro  
por quem passou a Vida indesejada  
e que chegando ao termo te encontrou,  
doce visão encantada,  
e encantado ficou...  
Eu sou o cavaleiro enamorado  
que não pode viver uma outra Vida  
além da que viveu sem ter parado,  
porque se outra vivesse, eu, por quem sou,  
eu juro: a viveria para ti,  
porque mais bela e nobre e humilde e casta,  
Senhora, eu nunca vi...

16.2.958

*Oliveira Guerra*

## POEMA CATALÁ

A

## GALÍCIA i PORTUGAL

Sota el cel ponent d'Ibèria  
dos pobles s'agermanan,  
les ones de la mar brava  
que del Atlàntic avancen  
a besar sos peus de fades,  
amb igual esforç mogudes  
cantan un sol himne d'amor

Oh terra de tots estimada  
breçol dels nostres fills,  
d'enamorats la llar preuada,  
tu vius rient dels perills

Per un voler de Deu nasqueran  
de gaies flors ornades  
i en dolça Primavera, eran,  
pels somnis encisades



¡senyor dels afligits!...  
i amb les mans plegades  
quan ronca la mar brava  
resan mosses e casades

Passada la tempesta  
les gaites amb sos crits  
de rigorosa festa  
pels sants de la contrada

Vesteix mantell d'esmeralda  
Natura, bo i generosa,  
deixa ses entranyes remoure  
i amb fecunditat donar-se  
sempre rienta, sempre alegre,  
a quants s'agermanan  
sota el cel ponent d'Ibèria

*Casals Marginet*



## **GALIZA**

A beleza aumenta de encontro a esta ria:  
É a Galiza desfeita em mar.  
E não haver ainda a voz de Rosalía  
Para a cantar.

Galiza é o continuar  
De tudo aquilo que é mais meu.  
É que um rio não pode separar  
Dois corações que num só amanheceu.

*António Lousada*

## **GALICIA**

Eres camiño de Dïoses  
Eres beleza sin par...  
Esas terras de delicia  
Esas rias que son mar...  
Desde Tunez ho! Galicia,  
Te dedico este cantar...

.....

Eres el verde y amarillo  
Del trigal y del pinar  
Eres el Azul del Mar  
Que en el refleja su brillo  
En las noches de lunar...

Eres camiño de Dïoses  
Eres beleza sin par...

.....

*José Gonzalez López*



**GALIZA**

**GALIZA**

**GALIZA GALIZA**

**GALIZA**

**GALIZA**

## **LUAR EM SANTIAGO**

...Anda o luar rondando as arcarias,  
pára aqui... pára além...  
absorto, distante e braneo,  
poeta e sonhador como ninguém...  
Põe os olhos nos beiraís  
e deixa-os escorrer pelas fachadas,  
com a sua luz toda transparente  
dá largas pinceladas...  
Passam os vultos na sombra, onde não chega  
a esteira de luar,  
vultos dormindo que parecem ter  
medo de acordar...  
Não falam, não gesticulam,  
são sombras do Passado, diluídas,  
relembrando, sonhando  
passadas vidas...

...Anda o luar rondando as arcarias,  
pára aqui... pára além...  
absorto, distante e braneo,  
poeta e sonhador como ninguém...

Descaem de quando em quando badaladas  
dos cimos da Catedral,  
doridas, lentas, sonoras,  
com ressonância abísmal...  
com essa ressonância que os sons tem  
no vasio dos claustros sonolentos,  
desertos e mergulhados  
em esquecimento...  
com essa ressonância extranha e triste  
das ruas mediévicas e tortas  
nas horas do silêncio recolhido,  
nas horas mortas...

...Anda o luar rondando as arcarias,  
pára aqui... pára além...  
absorto, distante e braneo,  
poeta e sonhador como ninguém...

Ergueram-se dos túmulos os vultos  
dos senhores feudais,  
de condes e de bispos e de monjes,  
de trovadores e jograis...  
Ergueram-se dos túmulos os vultos  
de espadachins e estudantes,  
de sábios e de santos e doutores  
e burgueses traficantes...  
E passam invisíveis e ninguém  
os vê passar,  
de capa ou de burel, de espada à cinta  
a arrastar...

...Anda o luar rondando as arcarias,  
pára aqui... pára além...  
absorto, distante e branco,  
poeta e sonhador como ninguém...

Vindos de longe, à luz da Via-Láctea,  
pelo Caminho Francês,  
por todos os caminhos que há no mundo,  
por todos os caminhos que Deus fez,  
os peregrinos passam  
em multidões imensas, infinitas...  
E peregrinos foram reis e príncipes  
e cavaleiros, bispos, heremitas,  
homens e mulheres  
de todas as condições  
que dobaram as teias da amargura  
em volta dos corações...

...Anda o luar rondando as arcarias,  
pára aqui... pára além...  
absorto, distante e branco,  
poeta e sonhador como ninguém...

Mestre Mateo na pedra sonha e canta  
o seu poema esculpido  
de rimas altissonantes e num ritmo  
nunca dantes sentido...  
E nas estrofes conta-nos a história  
da sua religião,  
da que foi feita para os desgraçados  
que pedem perdão...  
E sonha no Obradoiro, calmo e doce,  
Mestre Mateo,  
o sonho do poeta e dramaturgo  
que na pedra escreveu...

...Anda o luar rondando as arcarias,  
pára aqui... pára além...  
absorto, distante e branco,  
poeta e sonhador como ninguém...

OLIVEIRA GUERRA

